

**ADRIANO CARLOS DE ALMEIDA**

**Territórios da Alma:  
Espaço e Identidade Territorial na Fraternidade  
Pequena Via em Viçosa-MG.**

**Viçosa, fevereiro de 2007.**

**Universidade Federal de Viçosa  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Departamento de Artes e Humanidades**

**Territórios da Alma:  
Espaço e Identidade Territorial na Fraternidade  
Pequena Via em Viçosa-MG.**

*Monografia apresentada como parte das exigências da disciplina GEO-481, Monografia e Seminários, do Curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Federal de Viçosa, com vista à aprovação na disciplina.*

Bacharelando: Adriano Carlos de Almeida  
Orientadora: Prof. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

**Viçosa, fevereiro de 2007.**

Adriano Carlos de Almeida

Territórios da Alma:

Espaço e Identidade Territorial na Fraternidade Pequena Via  
em Viçosa-MG.

Comissão examinadora

---

Professora Ana Louise de Carvalho Fiúza

---

Professor Leonardo Civalle

---

Professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
Orientadora

*“O que sinto é uma imensa saudade de um futuro melhor”*

Fernando Pessoa.

*Dedico este trabalho à Izabel e Ana  
Louise.  
Sem devaneios, as duas mulheres mais  
importantes da minha vida.*

## **Agradecimentos**

À Inspiração de todas as minhas idéias e sonhos.

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de ter realizado aqui todo o caminho de graduação e a possibilidade de ter vivenciado neste campus todas as experiências que fizeram parte da minha formação e que a tornaram tão profundamente especial.

À minha orientadora, Maria Isabel, pelo auxílio e apoio na realização deste estudo. Pela amizade e companheirismo que pudemos estabelecer ao longo deste trabalho.

À Ana Louise, minha orientadora de dois anos de pesquisa, com quem aprendi não só a fazer Ciência, mas, sobretudo a apresentá-la como forma de compreensão da realidade, a você o meu carinho.

Ao professor Leonardo Civale, por todas as lições, discussões e momentos de aprendizado sobre a Cultura e o Espaço, por todas as idéias originais ou nem tanto que nasceram a partir de suas aulas.

À professora Alessandra Mendes, quem me inspirou no caminho e na escolha pelos estudos de Religião, por todo apoio, confiança e incentivo quando acreditou em mim, mais do que eu mesmo considerei que fosse possível acreditar...

Aos professores Ronan Borges e Eduardo Maia, pela contribuição e importância que tiveram na minha vida durante todo o caminho na Geografia.

À Eliana Sousa e à Josélia (DAU), pelo carinho e auxílio na confecção dos mapas.

Aos amigos que estiveram inseparáveis durante todo o tempo, Jú, Charllles e Istéffany, ao nosso quarteto inesquecível, em cada pequeno momento, de dor ou de alegria, amo vocês.

À Sol, por seu brilho que iluminou a minha vida e fez as coisas mais claras, pelo carinho, pela total amizade, em momentos bons ou não tão bons, de pés quebrados ou não, que se fazem eternos... Toda a minha ternura...

Aos brilhantes amigos do meu Grupo de Pesquisa, Carina Amorim, Roberta Melo e Paulo Marciano, por todo conhecimento compartilhado, todas as experiências vividas, e não menos importante, por todas as conversas, brincadeiras, risos e cafés.

Aos amigos que mesmo de longe, torceram por mim, e sonharam comigo, Aline, Guilherme, Charlene e Thiago, vocês são sempre força e aprendizado...

Aos companheiros que me ajudaram e incentivaram nos primeiros tempos em Viçosa, longes dos meus pais e raízes, Daniel, Takeo, Jonny, Marcelo e Gustavo, à vocês dedico a minha amizade.

Aos meus amigos de casa, Dani, Doug, June, Maurinho e Dudu, por tudo que vivemos juntos nestes anos, tantas alegrias, tantas lembranças e sonhos, não tenho palavras para mensurar o quanto vocês são importantes pra mim.

Aos meus amigos de todas as horas, com quem vivo os momentos mais filosóficos, os companheiros de música, poesia e teatro, Renan, Zé Luiz, Renato e Fabs, as minhas lágrimas falam por mim...

Às minhas duas maninhas, Andréa e Alinne, que foram e são sempre conforto, apoio, inspiração e motivo, a vocês o meu amor.

À minha vó, Maria, por ser sempre um farol, pra onde remar nas dúvidas, e um porto a me acolher em todo e qualquer momento, te amo.

À minha mãe, Izabel, por toda a luta, dedicação, presença e inigualável amor em todos os momentos, é impossível conseguir traduzir tudo o que sinto ao escrever estas palavras, te amo mãe.

E por fim, ao meu pai, que mesmo não estando aqui para viver de perto este momento, sempre foi e será presente. À você Pai, este trabalho, as minhas lembranças, os meus sonhos e todo o amor do mundo...

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender a apropriação e transformação do espaço na *Fraternidade Pequena Via*, no bairro de Nova Viçosa, em Viçosa-MG, tomando como base as idéias religiosas, e discutir a construção da identidade territorial a partir de tais visões de mundo. Esta Comunidade Religiosa está vinculada à experiência do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC). De uma forma geral, as Comunidades Religiosas apresentam uma tendência frente ao contexto atual de globalização, que é a de resgate de uma maior simplicidade das relações sociais e do fortalecimento de laços de unidade, dando origem a novas formas de identidade social e de vínculos de pertencimento. Nesse sentido, apontam a formação de novos territórios e identidades territoriais. Procuramos chamar atenção para o fato de que o espaço passa a ser um elemento primordial, ou mesmo a base das identidades dessas coletividades, constituindo-se em um substrato para a construção e consolidação desses laços de grupo e de pertencimento. Nessa perspectiva, é possível questionar a relação entre o crescimento intenso das Comunidades Religiosas e o seu processo de territorialização. Assim, compreender em que medida estas Comunidades incorporam uma dimensão simbólica, identitária, na apropriação e modificação espacial, identificando os principais aspectos implicados no processo de ordenação e caracterização espacial e que parecem estar relacionados a construção de identidades territoriais em torno do sacralidade atribuída ao espaço.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Metodologia</b> .....	11
<b>1. A identidade e a alma do Território</b> .....	13
<b>1.1 Identidade e Território</b> .....	13
<b>1.2 O Conceito de Território</b> .....	16
<b>1.3 O Espaço e o Sagrado</b> .....	18
<b>1.4 O Sagrado na Fraternidade Pequena Via</b> .....	19
<b>2. A Experiência do Sagrado na alta-modernidade</b> .....	21
<b>2.1 A construção da identidade e a perda das raízes no mundo globalizado</b> .....	21
<b>2.2 A Experiência do Sagrado: O MRCC e a construção das Comunidades Religiosas</b> .....	24
<b>3. A Fraternidade Pequena Via: Da sacralidade do Espaço</b> .....	30
<b>à Construção do Território</b> .....	30
<b>4. A construção do espaço sagrado na visão dos atores</b> .....	41
<b>5. Considerações Finais</b> .....	51
<b>Bibliografia</b> .....	54
<b>Anexos</b> .....	55



## Introdução

Nos tempos atuais passamos a viver nas áreas mais industrializadas do globo em um “ambiente criado”, que embora sendo físico, não é “apenas natural”. Neste mundo imerso em uma contínua destruição dos ambientes naturais e desgaste dos recursos, à perda de valores e tradições, o acirramento dos conflitos e à exacerbação das idéias materialistas, que se constroem diferentes movimentos contrários à tendência ao desenraizamento social. Nesta conjuntura, a religião e a religiosidade emergem, como uma possibilidade de construção de laços de identidade e de pertencimento.

Assim, em um mundo onde cada vez mais a crise em torno das identidades é iminente, onde o individualismo e a competitividade conduzem a um acirramento e a perda das raízes culturais e dos valores, onde a crença em Deus e no transcendente pareciam se esvaziar, percebe-se, como um paradoxo, o surgimento e o fortalecimento de Comunidades Religiosas, como uma possível resposta a esse contexto visto como instável e inseguro.

Neste aspecto, as Comunidades Religiosas, as quais procurar-se-á chamar atenção aqui, revelam uma tentativa de resgate de uma vida mais simples na sociedade, que se mantém a partir do fortalecimento dos laços de unidade. Este movimento tem dado origem a novas formas de identidade social, recuperando vínculos de pertencimento, o que indica a formação de novos territórios e identidades territoriais.

As Comunidades Religiosas procuram reviver as pequenas coletividades, como as da aldeia e da família extensa, e com isso fortalecem-se laços de unidade comuns através de novas formas de sociabilidade. O espaço é, neste sentido, um elemento primordial, ou mesmo a base das identidades dessas coletividades, uma vez que é o substrato para a construção e consolidação desses laços de pertencimento.

Nesse sentido, a permanente sacralização do mundo, que se estabelece por meio de uma religião cósmica, de uma santificação da vida se materializa a partir do espaço. Assim, os espaços construídos pelas Comunidades Religiosas, sempre dotados de religiosidade, constituem-se em territórios marcados pela manifestação subjetiva e simbólica dos elementos em torno do sagrado.

Neste trabalho busca-se estudar o espaço entendido a partir de uma identidade territorial do sagrado, ou seja, como um campo de valores que se modifica a partir de diferentes sacralidades. Tal perspectiva analítica considera que a maioria das comunidades ligadas às idéias religiosas de “sacralização da natureza” trazem consigo uma visão de mundo específica e estabelecem relações espaciais distintas uma das outras.

Compreender o universo simbólico das pessoas que vivem nestas Comunidades significa poder entender um pouco melhor o nosso tempo e as transformações no espaço, perceber territorialidades e novas formas de identidade no atual processo de globalização. Por outro lado, estas manifestações sócio-espaciais nos revelam demandas espaciais que não são apenas materiais, mas, sim, ligadas a traços da vida cotidiana, e aos anseios e incertezas relativos à desconstrução e reconstrução de identidades sociais e culturais.

A proposta deste estudo vai ao encontro das idéias defendidas por Paul Claval (apud ROSENDHAL, 1996, p. 17), que aponta a importância de compreender a relação simbólica do homem e seu meio físico, quando afirma aos geógrafos a tarefa de explorar o universo das representações mentais, e entender a forma como essas ações simbólicas se inserem na paisagem e a modificam, assim como fazem parte da organização espacial.

Este estudo se encontra dividido em quatro capítulos. No primeiro, tratamos de uma discussão conceitual a respeito das idéias de identidade e território, buscando compreender a forma como se constroem as identidades territoriais. No segundo, discutimos as questões inerentes à alta-modernidade a partir do entendimento do processo de globalização e de como as idéias religiosas têm se relacionado com este. No terceiro, apresentamos a Fraternidade Pequena Via, em Viçosa, campo de análise de nossa proposta. Por fim, no quarto e último capítulo, discutimos as questões teóricas propostas relacionando-as ao nosso objeto, discutindo a relação entre religião, território a construção da identidade.

## Metodologia

Este estudo objetiva compreender o processo de territorialização e transformação do espaço sob o direcionamento das idéias religiosas e simbólicas. Para tanto foi escolhida um Comunidade Religiosa, vinculada ao catolicismo e mais especificamente a experiência do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC).

Esta Comunidade com cerca de 70 membros recebeu o nome de *Fraternidade Pequena Via*, e está localizada no bairro de Nova Viçosa, na periferia urbana da cidade de Viçosa em Minas Gerais.

Para compreender o processo de modificação e apropriação do espaço na Fraternidade Pequena Via, a partir da construção de uma identidade em torno dos elementos sagrados, a pesquisa adotou como procedimentos metodológicos: a revisão de literatura em torno das questões de identidade, identidade territorial, espaço sagrado e apropriação simbólica do espaço; o levantamento histórico da Comunidade; a observação de campo; as entrevistas com os membros da Comunidade e a elaboração de mapas de localização e organização da Chácara Betânia - sede da Comunidade.

A revisão de literatura priorizou a discussão acerca da temática da sacralidade do espaço e da construção da identidade, destacando os conceitos pertinentes à área da Geografia Cultural, dentre eles o de territorialidade e identidade territorial, alicerçados sobre as idéias de Paul Claval (apud CORRÊA, 1999), bem como em trabalhos de Zeny Rosendhal (1996) e, sobretudo Rogério Haesbaert (1997), os quais se tornaram as referências fundamentais de nosso trabalho.

Para compreender o processo de construção do objeto de estudo, em um segundo momento levantamos o histórico da Comunidade, entrevistando os seus membros fundadores e recorrendo ao seu Regimento Interno. Esta etapa consistiu também na observação de campo e levantamento de dados, verificando as questões pertinentes aos conceitos de territorialidade e espaço sagrado. Foram fotografados os diferentes espaços da chácara e levantados os documentos de concessão de propriedade. Também objetivou-se levantar informações da realidade de vida dos membros da Fraternidade Pequena Via e verificar os traços de seu cotidiano e visões de mundo.

Na seqüência realizamos entrevistas abertas com os membros da Comunidade. Em tais entrevistas buscou-se compreender a construção de identidade religiosa e os laços de pertencimento existentes na Comunidade, assim como os motivos que levaram os seus membros a aderirem a mesma. Procurou-se também investigar como o processo de apropriação do espaço atrelou-se às idéias religiosas e sagradas. Tomando-se como base de análise uma amostra qualitativa, foram aplicados 15 questionários entre os membros da Fraternidade Pequena Via; sendo 10 questionários aplicados aos membros que entraram na Comunidade entre 1 e 2 anos; e os outros 5 questionários aos membros mais antigos, dentre estes os membros fundadores. Tal amostra representa 80% dos membros que residem na Chácara da Comunidade, em Nova Viçosa, e cerca de 25% do total de membros da Comunidade, incluindo-se aqueles que não residem na própria chácara.

No terceiro momento, elaboramos os mapas de localização, identificando a chácara, no sentido de elucidar a problemática discutida.

Por fim, os dados, informações e os mapas foram analisados permitindo problematizar o processo de ocupação e transformação do espaço a partir das concepções religiosas da Comunidade, e nesse sentido, compreender a forma pela qual seus membros se identificam com o espaço.

## 1. A identidade e a alma do Território

Diante da proposta de estudar o processo de construção do território e da identidade territorial em torno dos elementos do âmbito do sagrado em uma Comunidade Religiosa, não seria possível continuar sem ater a um referencial teórico que desse suporte a esta abordagem. Nesse sentido, alguns conceitos pertinentes tornam-se necessários de serem explorados, pois serão os condutores dos objetivos de pesquisa pretendidos nesta monografia. Assim, para realizar a pretendida discussão, nos apoiamos em trabalhos e autores relevantes que têm marcado os estudos sobre os processos de construção de identidade, entre eles Manuel Castells (2002), Néstor García Canclini (2003) e Stuart Hall (2003). Entre os estudiosos da construção do espaço e do território, utilizamos Rogério Haesbaert (1997), Paul Claval (apud CORRÊA, 1999) e Zeny Rosendhal (1996). Esse referencial teórico permitiu-nos adentrar nas discussões em torno da inserção sagrado no espaço e da construção de uma identidade territorial na localidade investigada.

### 1.1 Identidade e Território

Estudar a construção da identidade territorial em torno do “sagrado”, como salienta Rosendahl (1999), implica em uma compreensão das identidades que o constituem e de como estas se modificam por meio do entendimento das relações com o sagrado. Ou seja, como os elementos do sagrado estão em constante processo de territorialização e são capazes, a partir de uma relação dialética com o espaço, em se transformar em um *território sagrado*, se diferenciando, nesse sentido, de outros territórios. Neste aspecto, a primeira questão que parece suscitar nesse rol de preocupações se refere ao desvendamento do próprio conceito de identidade.

Manuel Castells (2002), elucida a idéia de identidade entendendo-a como um conjunto de atributos culturais inter-relacionados. De acordo com o autor, um indivíduo ou um conjunto de indivíduos pode se perceber envolto por identidades consideradas múltiplas, sendo esta multiplicidade, fonte de tensão nas ações coletivas.

Castells argumenta que toda identidade é socialmente construída, sendo seu conteúdo e significado determinados pelos motivos e atores que a constroem. Para o autor, no processo de construção a identidade herda elementos da história, da geografia, da biologia, das instituições produtivas e reprodutivas, assim como da memória coletiva e das fantasias pessoais. Também faz uso dos aparatos do poder e de revelações de cunho religioso. Nesse sentido destaca:

*Todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço. (CASTELLS, Manuel, 2002, p.23).*

O autor concebe três formas de construção de identidades, as quais se encontram marcadas por relações de poder. A primeira é a identidade legitimadora, que seria introduzida pelas instituições sociais consideradas dominantes. A segunda é a identidade de resistência construída pelos atores que se encontram marginalizados e lutam contra a dominação, criando assim o que ele chama de “*trincheiras de resistência*”. A última, está em torno da identidade de projeto, que se estabelece quando os atores sociais constroem uma nova identidade que possa redefinir sua posição na sociedade<sup>1</sup>. (CASTELLS, Manuel; 2002, pp. 22-28).

Stuart Hall (2003), problematiza a idéia de identidade, afirmando tratar-se de um conceito muito discutido na teoria social da atualidade. Salaria que as velhas identidades, que por longo tempo geraram uma estabilidade para o mundo social, parecem cada vez mais entrar em declínio. Nesta linha, o autor aponta o surgimento de novas identidades no mundo contemporâneo, que tendem a fragmentar o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado. A abordagem de Hall está assentada em torno da chamada “crise de identidade” do mundo pós-moderno, a qual é compreendida como parte de um processo mais amplo de mudança, que acaba por deslocar as estruturas e os processos

---

<sup>1</sup> Castells (2002), salienta que a identidade de projeto se caracteriza por um desejo de expansão à todo o restante da sociedade de uma determinada visão de mundo e de conduta. Podendo, nesse sentido, ter-se a transformação de uma identidade antes de resistência, em identidade de projeto, quando esta melhor caracterizar as motivações e objetivos dos atores que a conduzem.

centrais sobre os quais se estruturavam as sociedades modernas, e tendem à um abalo nos quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

A abordagem de Canclini (2003), acerca do conceito de identidade, está afinada com a discussão de Castells, partindo igualmente da análise dos processos históricos, para a compreensão da formação das identidades. De acordo com o autor, a identidade não pode ser definida com base apenas em alguns aspectos como a língua, a tradição e a conduta, pois isto significaria uma desvinculação dos traços da história na qual foram formados. Nessa perspectiva reitera que resgatar a história é um dos aspectos primordiais para a busca ou a construção de uma identidade legítima. Assim, coloca que conceitos e traços da identidade, compreendidos de forma isolada, são insuficientes para se firmar uma memória e uma identidade comum.

Rogério Haesbaert (1999), em seu trabalho intitulado *Território, Cultura e Des-territorialização*, discorre sobre o conceito de identidade entendendo-a, inicialmente, como referente às coisas e as pessoas, e depois como uma relação que ele classifica a partir das idéias de semelhança e de igualdade. Haesbaert compreende que se a identidade de um indivíduo é difícil de ser encontrada, mais complexo será a questão de compreender uma identidade que se defina como coletiva, uma vez que esta é mais ampla, envolvendo um grupo de indivíduos, ou mesmo uma civilização.

Por outro lado Haesbaert (1997) destaca que a maioria dos autores não considera a idéia concreta de identidade, e tenderiam dessa forma a caracterizá-la como unicamente restrita ao campo das representações, sendo então eminentemente simbólica. Dessa forma, ressalta a importância de se considerar a sua base material, e mais territorial, servindo de referencial para a construção de muitas identidades.

De acordo com o autor, da mesma forma que a identidade individual, a identidade social é dotada de objetividade e subjetividade, mobilizada por um poder simbólico. Assim;

*O poder da identidade social é tanto mais forte quanto maior for sua eficácia em naturalizar esta identidade, tornando puramente objetivo o que é dotado de subjetividade. (HAESBAERT, Rogério; 1999, p. 177).*

A identidade social poder entendida como identidade territorial, no momento em que o referencial simbólico central para a construção da identidade, passa ou mesmo

transpassa o território. Por sua vez o território pode ser compreendido a partir de múltiplos aspectos, desde uma paisagem, que se entende como um espaço cotidiano, ou englobando um enfoque mais amplo, que inclui a própria idéia de Estado-Nação. Para o autor, as identidades se situam sempre frente a um espaço simbólico, sendo dessa forma social e historicamente construído.

Uma das mais importantes características da identidade territorial, e que também se constitui como uma característica geral de conceito de identidade, é que ela se vincula necessariamente a uma dimensão histórica, o que pode ser entendido como imaginário social. Assim, o espaço que é referência para a construção da identidade passa a ser concebido como “condensamento” da memória coletiva<sup>2</sup>. De acordo com Memmi citado por Haesbaert *a construção do imaginário de identidade envolve, portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade*. (MEMMI, 1997 apud HAESBAERT, Rogério, 1999, p.180).

Neste aspecto, é possível relacionar a idéia de identidade ao conceito de cultura elaborado por Claval (apud CORRÊA, 1999). De acordo como o autor, a cultura seria concebida como uma soma de comportamentos, de saberes, técnicas, conhecimentos e de valores que são acumulados pelos indivíduos ao longo de suas vidas. Nesse sentido, salienta que: *A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam*. (CLAVAL apud CORRÊA, 1999).

## 1.2 O Conceito de Território

Ainda baseando nos trabalhos de Haesbaert, torna-se importante à discussão do conceito de território. Para o autor, a territorialidade humana, poderia ser concebida como *um conjunto de relações que desenvolve uma coletividade, com a exterioridade e alteridade por meio de mediadores ou instrumentos*. (HAESBAERT, 1999, P.32). Essa

---

<sup>2</sup> De acordo com Haesbaert (1999), esta caracterização do espaço entendido como *condensamento* da memória coletiva, pode ser percebida nos monumentos históricos nacionais.



concepção de território é discutida em Raffestin (apud HAESBAERT, 1997), que o entende como:

*Uma reordenação do espaço na qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais dispõe o homem enquanto pertencente a uma cultura (...). O acesso ou não-acesso à informação comanda o processo de territorialização, desterritorialização das sociedades (...). (RAFFESTIN, 1986 apud HAESBAERT, 1997, p. 33).*

Muitos autores vão entender o território a partir da abordagem em que se destaca a sua natureza política entendendo-o à luz das concepções de Estado e fronteira, em contraposição ao seu entendimento a partir das redes e fluxos de mercadoria e serviços. Esta concepção tradicional na Geografia foi difundida por Ratzel ainda no século XIX.

Recentemente o conceito de território foi reformulado e passa a ressaltar a identidade espacial, compreendida como um resultado da apropriação simbólica do espaço, percebido não só como território, mas também como lugar. De acordo com Tuan (1983), citado por Haesbaert, o destaque à apropriação simbólica do espaço, compreendido por meio de um caráter subjetivo como meio de territorialização humana, acabou por conduzir a uma distinção entre o conceito de espaço e território. Tuan prefere neste sentido, os conceitos de espaço e lugar, afirmando que o espaço transforma-se em lugar na medida em que vai se definindo o seu significado.

Haesbaert (1999), destaca que a distinção entre o conceito de território como instrumento do poder político e como espaço da identidade cultural, onde é compreendido como um instrumento de um grupo cultural ou ainda religioso, torna-se fundamental no mundo contemporâneo. Tal distinção situa-se dentro do debate entre estudiosos universalistas, os quais defendem uma espécie de *cidadania-mundo*, apoiando-se na territorialidade do Estado-Nação, e os multiculturalistas que passam a defender o respeito às especificidades culturais, abarcando assim, as diversas concepções de territorialidade, que podem se construir dentro de cada cultura.

### 1.3 O Espaço e o Sagrado

No que concerne diretamente a problemática espacial e a construção do espaço sagrado, Zeny Rosendahl (1996), em seu trabalho intitulado *Espaço e Religião*, destaca que o homem religioso vivencia uma atmosfera permeada pelo sagrado, e nesse sentido, as técnicas de construção do sagrado são elaboradas. De acordo com a autora, o esforço feito pelo homem para consagrar um dado espaço, e a necessidade que se tem de construir ritualmente o espaço sagrado, permite perceber o mundo que é apresentado para o homem religioso e sua representação como um mundo sagrado. (ROSENDAHL, Zeny; 1996, p. 30).

O que parece bastante interessante na abordagem da autora é como o ser humano carregado de valores religiosos, identifica seus espaços, distinguindo-os assim qualitativamente. É a partir dessa compreensão que se concebe o espaço sagrado, caracterizado como “*forte, demarcado e diferenciado*”, apontando assim para uma oposição que se dá entre o espaço sagrado e o todo o resto que o cerca. De acordo com a autora:

*O espaço sagrado é um campo de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. (ROSENDAHL, Zeny; 1996, p. 30).*

Dessa forma, os espaços são demarcados, de acordo com Rosendahl, pelo poder atribuído à mente de explorar muito além dos limites do percebido, o que permite dizer que o ser humano não apenas cria espaços sagrados, como na mesma medida procura materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos. Cabe salientar aqui que a experiência do sagrado se contrapõe à experiência do profano para o homem religioso. Assim, a experiência religiosa capacita o homem a distinguir o espaço sagrado do que se consideraria como espaços “não-sagrados”, ou ainda em outras palavras, espaços profanos.

## 1.4 O Sagrado na Fraternidade Pequena Via

A utilização de uma certa “sacralidade do espaço” e mesmo da natureza é hoje objeto de políticas públicas, bandeira de luta de movimentos sociais, pauta de noticiários e das preocupações de grupos e movimentos religiosos, entre eles religiosidades vinculadas às experiências New Age (AMARAL, 2000). Este processo está presente nas Comunidades ligadas à essência religiosa do Movimento da Renovação Carismática Católica, em particular na *Fraternidade Pequena Via*, escolhida como nosso objeto de estudo.

A Fraternidade Pequena Via, tal como é citado em seu regimento interno, nasce na primeira metade da década de 1990, alicerçando-se na linha de pensamento católico romano. Encontra sua influência em Santos como Tereza D’Ávila e Tereza do Menino Jesus.

A denominação de “Pequena Via”, segundo o estatuto da Comunidade, remete-se à idéia de caminho estreito. O seu estatuto define este conceito como “*uma consciência e aceitação da própria pequenez do ser humano, o reconhecimento do seu nada, na paz e na alegria, a confiança ilimitada e o abandono incondicional nos braços de Deus, além da prática de pequenos gestos de amor*”.

A história da Comunidade começa em 1994, quando um casal conta que abandonou o sucesso profissional e estabilidade financeira, e aliou-se a um padre, na tentativa de construir um vínculo espiritual que não conseguiram encontrar num mundo que caracterizaram como materialista e individual. Sua sede, que será nesta proposta de estudo, um importante objeto de análise, é uma chácara na área de Nova Viçosa, onde residem três famílias, que são somadas pelos outros membros da Comunidade que não residem no lugar.

Nesta chácara, este casal e os demais membros, construíram um espaço que se caracteriza pela experiência simbólica do sagrado, o que aponta para um processo de distinção espacial a partir de uma identidade territorial específica. O arranjo espacial da chácara, singularizado pela presença de elementos religiosos, nos instiga a discutir a visão social de mundo e dos valores do homem, que não raras vezes se remetem às idéias

religiosas e sagradas. Esta conformação do espaço da chácara que se torna relevante a interpretação das representações que o sentido religioso do espaço e os direcionamentos que partem dos seus membros para a sua modificação, formando o arcabouço central da discussão que aqui é apresentada.

Assim, estudar o espaço sagrado na Comunidade Religiosa *Fraternidade Pequena Via* é procurar entender que em tal localidade se estabelece um campo de valores que modifica o espaço a partir de uma *sacralidade*, ou ainda de forma mais direta, de uma *experiência religiosa* específica. De uma forma geral, as Comunidades Religiosas a partir de suas idéias de sacralização do espaço, carregam visões de mundo específicas e estabelecem relações espaciais distintas umas das outras. Este estudo quer demonstrar como a apropriação simbólica do espaço pode, nesse sentido, constituir uma territorialidade específica a partir da experiência religiosa vivenciada por um determinado grupo de pessoas.

## 2. A Experiência do Sagrado na alta-modernidade

### 2.1 A construção da identidade e a perda das raízes no mundo globalizado

Anthony Giddens, em as “As conseqüências da modernidade”, discute o momento histórico atual, destacando-o como um período em que as características que marcaram a modernidade, dentre elas o individualismo, a competitividade, a crença na ciência e poder do homem de dominar a natureza, encontram-se em um processo de radicalização<sup>3</sup>. Segundo o autor é possível compreender os contornos de uma nova ordem que é diferente, e se configura em um mundo que cada vez mais torna-se *carregado e perigoso*, levando assim, aos riscos e incertezas que caracterizam o mundo atual. Tal processo aponta para o que o autor denomina *alta-modernidade*. (GIDDENS, 1991, p. 13; 19).

A alta-modernidade traz em seu bojo um forte processo de desenraizamento social dos indivíduos, onde cada vez mais estes passam a viver em lugares distantes de suas terras de origem, deslocando-se para as áreas mais dispersas do globo. Isto conduz a um processo que promove o distanciamento dos valores culturais e a perda gradual dos vínculos de pertencimento social. Tal processo, conjuntamente com a perda do sentimento de grupo, pode ser entendido como a sinalização cada vez mais intensa de uma nova cidadania-mundo.

A constituição deste novo modelo ético é discutida por Hobsbawm (2000, apud RIBEIRO, 2001), quando discorre a respeito da perda das raízes no mundo contemporâneo. Para o autor:

---

<sup>3</sup> Quanto ao processo de *radicalização* presente no mundo da alta-modernidade, Giddens (1991), enfatiza a aceleração em torno da lógica de competitividade e de individualismo, assentada sobre a idéia de um mercado auto-regulável, que se tornara o modelo gestor da vida social moderna a partir do séc. XVIII, com a Revolução Industrial e a substancialização do modo capitalista de produção.

*a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Dessa forma, desintegraram-se os velhos padrões de relacionamento social humano e os elos entre as gerações se quebraram. Isso ficou muito evidente nos países mais desenvolvidos da versão ocidental de capitalismo, onde predominaram os valores de um individualismo associal absoluto [...] reforçados pela erosão das sociedades e religiões tradicionais. (HOBSBAWM, 2000, apud RIBEIRO, 2001, p. 4).*

Adotando um ponto de referência semelhante Reis Filho (2000, p. 193), ressalta que estamos em “*uma era de reconhecida e irrefreável tendência à globalização*”, encontrando-nos, “*simultaneamente em meio a um turbilhão de conflitos sobre identidades políticas e fragmentação étnica*”.

Por outro lado, de forma paradoxal a esse contexto de instabilidade e indefinições, se fortalece os sentimentos nacionalistas mais localizados e a valorização de identidades em culturas regionais, que disputam territórios e a afirmam o seu poder. Este movimento também é característico entre aqueles que buscam na religião uma resposta para dúvidas e anseios, que se agravam ainda mais pelo fato de estarmos envolvidos em um contexto onde cada vez mais as raízes sociais parecem se diluir e as formas de pertencimento social perdem a sua força na construção das identidades coletivas.

A respeito dessa tendência contrária à lógica de individualismo moderno, competitividade, perda das raízes e racionalismo intrínsecos, o que parece apontar para a morte dos valores religiosos e da crença em Deus, Ribeiro (2001) destaca a emergência de uma ressignificação do entendimento e concepção do sagrado no mundo da alta-modernidade:

*As grandes explicações religiosas perderam impacto e público, mas, quanto mais acelerada a mudança, mais proliferam novas crenças. Ao contrário do que se poderia esperar a modernidade não destrói a religião, antes impulsiona novas formas de religiosidade e gera ressignificações do crer num ambiente de insegurança. Por isso, as crenças religiosas contemporâneas são cada vez mais voltadas para este mundo, em detrimento de uma dimensão extra-mundana. (RIBEIRO, 2001, p. 12).*

Nesse sentido, é possível perceber que a religião e a religiosidade emergem como uma possibilidade de construção de novos vínculos de pertencimento, ressignificando as formas de identidade social em torno dos valores religiosos presentes na tradição histórica. Essa pode ser uma resposta da própria sociedade da alta-modernidade à intensificação do caráter de individualização que marca os nossos tempos, o qual se faz notar entre outros fatores, pela desintegração dos valores da família e das formas de convivência coletiva, como a própria Igreja, que tradicionalmente desempenhava um papel institucional voltado para a integração social. Esta perspectiva é discutida por Ribeiro (2001), ao traçar um perfil da sociedade humana no desenrolar do século XX:

*Um novo individualismo moral contemplou sem luto o desabamento fulminante da influência da família e das igrejas organizadas tradicionais nos últimos 30 anos do século XX. Afrouxou-se também o papel de agências de cooperação social e de formulação moral, como sindicatos, parlamentos e sistemas públicos de mídia. Essas transformações são a manifestação, no âmbito da sociedade civil, da redução de poderes do antigo Estado-nação territorial em prol da economia transnacional. Dessa forma, passou-se a viver num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. (RIBEIRO, 2001, p. 10).*

Com isso, a experiência religiosa neste contexto de fragmentação social parece caracterizar-se por uma nova prática, aglutinando diferentes sujeitos que vêem a sociedade individualista e materialista como um sinal da falência do mundo. Nesse movimento, enquadram-se as Comunidades Religiosas, que se organizam com o desejo de contrapor-se a essa sociedade, “criando” ou “representando” um mundo onde as condições de vida e trabalho parecem menos hostis, mais fraternas e humanas. Tal processo, muito embora não nos indique as respostas claras de suas reais motivações e causas, podem explicar o surgimento e a multiplicação de novas identidades e representações coletivas em diversos contextos sócio-espaciais.

Dessa forma, tudo indica que as Comunidades Religiosas da Vida, que surgem a partir do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC), seguem essa tendência,

ganhando importância e projeção nas últimas décadas. Como destaca Mariz (2004), justamente pelas críticas que este Movimento tem tecido em relação aos valores da vida secular da alta-modernidade, percebidos como uma ameaça aos valores cristãos e à própria vida familiar, é que pode se observar o seu crescimento e adesão junto à sociedade.

É a partir desses argumentos que as Comunidades Religiosas de Vida, entendidas como grupos que se organizam para resistir aos valores da alta-modernidade, tornam-se importantes para compreender como as identidades sociais no mundo atual são moldadas e de que maneira podem significar a constituição de um “espaço sagrado”.

## **2.2 A Experiência do Sagrado: O MRCC e a construção das Comunidades Religiosas.**

De acordo com Alvarenga (2002), o Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC), inicia suas atividades no ano de 1967, na cidade de Pittsburgh (EUA), entre meio alunos e professores da Universidade Duquense. Em um momento inicial, professores e estudantes, buscavam experimentar o chamado *Batismo do Espírito Santo* e, a partir daí, desenvolver os dons carismáticos, com base em leituras pentecostais e através da participação em encontros *interdenominacionais*<sup>4</sup>.

No Brasil, o MRCC foi introduzido em 1969 por membros da própria hierarquia católica. Alguns grupos contaram com o apoio e a influência de pastores evangélicos, que transmitiram parte da tradição protestante em seminários e grupos interdenominacionais de oração. O núcleo central do Movimento desenvolveu-se na cidade de Campinas (SP), onde dois padres jesuítas começaram a enfatizar a leitura do livro dos apóstolos e a buscar o “batismo de fogo”, além de organizarem retiros de fim de semana e Grupos de Oração, sendo estes dois os pontos fundamentais sobre os quais se estruturaram o MRCC<sup>5</sup>. Os dez primeiros anos do MRCC foram paralelamente de crescimento e reprovção. Se por um

---

<sup>4</sup> De acordo com Alvarenga (2002), nestes encontros reuniam-se pessoas que já haviam passado pelo Batismo e que revelavam e incentivavam a experiência.

<sup>5</sup> Foi na região de Campinas que aconteceu a formação das primeiras lideranças que levaram o Movimento de Renovação Carismática Católica para o país.



lado, aumentava o número de adeptos, por outro não recebia o apoio da ala do Vaticano progressista.

Durante a década de 1960, a América Latina conhecia uma teologia que se preocupava com os problemas e contradições sociais, trabalhando mais especificamente com o povo mais pobre. Contudo, depois de 1978, com ascensão de um novo papa, o MRCC ganhou força, e teve como objetivo defender a Igreja Católica do Protestantismo e da assim chamada Teologia de Libertação. De acordo com Pranti (apud ALVARENGA, 2002):

*O MRCC passou a ser visto como um braço muito operante, a arma procurada para defender e reconquistar os territórios perdidos (...). Apesar das inovações, que poderiam até desfigurar o velho catolicismo, o MRCC mostrou que podia trazer de volta uma população de católicos que passeava entre as várias opções do mercado religioso. Mostrou que podia de novo encher as Igrejas, e encher com muito fervor e devoção. (PRANTI, apud ALVARENGA, 2002, p.53).*

Dentro do MRCC, entre os elementos principais estão os chamados *carismas*, entendidos como dons e talentos, os quais sendo entregues aos fiéis, passam a dar-lhes uma identidade especial dentro do grupo religioso ao qual pertence. O uso dos carismas é uma das formas diferenciais do MRCC, em relação aos outros movimentos religiosos no âmbito da Igreja Católica<sup>6</sup>.

É por meio da atribuição de carismas, que se formam as Comunidades Religiosas. Estas abarcam um carisma específico, o que pode se estruturar de forma a que um determinado grupo de pessoas, deixe então o mundo profano, destacado por Rosendhal (1996), e passem a viver em um espaço que se territorializa a partir das idéias religiosas, ganhando este a atribuição de espaço sagrado.

Os carismas se caracterizariam como dons dados aos fiéis, e nesse sentido, de forma coletiva, as Comunidades Religiosas abarcariam um dom ou um talento específico dado ao próprio grupo. Este carisma, encarado sob a forma de “missão”, incentivaria e justificaria o

---

<sup>6</sup> De acordo com Juanes (apud ALVARENGA, 2002), os carismas são tanto um elemento característico do MRCC, quanto também um elemento fundamental, por isso lhes é reservado um tratado especial. Um dos méritos do MRCC é recordar a importância dos carismas na vida da comunidade cristã e de seus membros, nesse sentido, sua presença na Igreja não seria acessória.

surgimento das Comunidades, que apoiariam nisso a sua função existencial. Considerando que a difusão dos carismas se aproxima do ideário religioso difundido pelas igrejas protestantes, o incentivo à criação dessas Comunidades poderia marcar uma ruptura na forma de difusão da fé Católica, que agora utilizaria além do espaço dos próprios templos, novos espaços de territorialização da sua fé.

De acordo com Mariz (2004), entre as primeiras e mais importantes Comunidades Religiosas ligadas ao ideário do MRCC no Brasil, estão a *Comunidade Canção Nova*, com sede em Cachoeira Paulista (SP), a *Comunidade Shalom*, em Maceió (AL), e a *Toca de Assis*, com sede em Campinas (SP). Embora não estando oficialmente a ele vinculadas, estas Comunidades se destacam dentro do MRCC, pelo fato de serem as mais antigas e também as que mais congregam membros.

Mariz (2004), ressalta que na Igreja Católica no Brasil, o MRCC tem se destacado, não apenas por sua popularidade, mas principalmente por suas críticas aos valores da sociedade secular, os quais são compreendidos como uma ameaça aos valores cristãos e à própria vida familiar. Nesse sentido, embora na verdade o MRCC esteja apenas defendendo o discurso oficial da Igreja Católica, este o faz com uma convicção tamanha que o singulariza em relação a outros setores dessa igreja, especialmente nos mais intelectualizados e politizados. Para a autora, existe uma possível relação entre esse tipo de discurso, o qual entende como reativo à modernidade e aos valores individualistas, e a criação e difusão das Comunidades Religiosas, levantando a hipótese de que essas comunidades poderiam oferecer alternativas aos que, por razões diversas, se sentem impossibilitados de participar de uma família, ou estão insatisfeitos com o modelo de família existente na contemporaneidade. Dessa forma, argumenta que essas Comunidades se aproximam de propostas comunitárias surgidas em movimentos contra-culturais, durante as décadas de 60 e 70, e também de Comunidades criadas por grupos esotéricos com religiosidade do estilo Nova Era. Também afirma a semelhança destas comunidades com experiências ainda mais antigas e tradicionais dentro do cristianismo, tais como as ordens religiosas.

Contudo, o MRCC tem chamado atenção de inúmeros pesquisadores em diversas partes do mundo, incluindo-se o Brasil, pelo processo de criação das Comunidades Religiosas, as quais Mariz (2004), chama de “Comunidades de Aliança e Vida no Espírito

Santo”. A partir das experiências de “Oração no Espírito”, as quais ocorrem em pequenos grupos que se encontram semanalmente nas paróquias, e, também, de “Estudo e Oração” realizadas em eventos maiores como os chamados “Seminários no Espírito”, esses católicos, que se autodenominam “renovados”, tomam a decisão de construir uma comunidade religiosa.

Mariz (2004.), ressalta que as Comunidades Religiosas surgem a partir de iniciativas de determinadas lideranças que emergiram no MRCC, sendo algumas destas lideranças leigas. Há casos de comunidades fundadas por um padre, por um casal, outra por um grupo de jovens, o que demonstra que a espontaneidade de seu surgimento também implica autonomia em relação à hierarquia do Movimento. Assim, embora estejam ligadas ao MRCC, as Comunidades Religiosas, não fazem parte da estrutura do mesmo, pois não estão vinculados ao funcionamento do MRCC, como os Grupos de Oração e outros órgãos de direção. Assim, as Comunidades se relacionam com estes grupos, mas mantêm sua autonomia, ocorrendo casos em que não se definem como parte do MRCC, muito embora tenham surgido com base em experiências de seus membros dentro desse movimento.

No caso específico do Brasil, as Comunidades se multiplicam tanto em número de membros como de casas, expandindo-se por vários Estados da federação, chegando a alcançar, inclusive o exterior. Cada uma das comunidades, de forma similar às ordens e congregações religiosas, tem um carisma fundador e regras próprias, que se por um lado parecem lembrar as tradicionais congregações religiosas, por outro, diferem bastante daquelas. Isto é perceptível quando, nessas Comunidades se reúnem numa mesma casa, fiéis de ambos os sexos, e também casais com filhos.

As Comunidades se sustentam na maior parte das vezes pelo trabalho de seus membros, mas em geral contam sempre com a doação dos chamados membros de aliança, que são aqueles que se vinculam às Comunidades, vivendo dentro de seus limites, não deixando contudo, a vida secular.

O apelo por essas Comunidades deve-se, sobretudo à fragilidade das famílias na contemporaneidade, as quais são vistas como perdendo a capacidade de desempenhar as funções que se espera dela como, por exemplo, a de oferecer apoio afetivo e moral às crianças e demais membros. É importante salientar que esse apelo parece ser mais forte para os jovens, uma vez que se encontram em uma etapa da vida onde iniciam um novo

núcleo familiar e têm que enfrentar questões práticas para entrar no mercado de trabalho, somado ao fato de se verem diante de valores religiosos e morais por vezes conflitantes<sup>7</sup>.

Nesse sentido, embora a motivação para participar da vida em comunidade e a descrição do cotidiano das Comunidades Religiosas pareça enfatizar aspectos subjetivos e afetivos similares aos da motivação para se formar uma família, aquelas diferentemente das famílias modernas, não se reduzem à apenas uma unidade de consumo, mas antes se caracterizam por serem também unidades de produção. Assim, os bens e serviços produzidos são vistos pelas Comunidades como “missão”.

A Fraternidade Pequena Via, em Viçosa, escolhida para a realização deste estudo, tem se fortalecido entre membros da estrutura da Igreja Católica de Viçosa, de forma especial nos setores que se aproximam do MRCC, mesmo que, segundo os fundadores mantenha um suposto distanciamento em relação a este. Entre os 70 membros que a integram, encontram-se professores e estudantes universitários, comerciantes, professores secundaristas, entre outros profissionais. A entrada dos membros parece se dar sempre a convite dos que já estão vinculados, ou ainda de uma ligação estreita com os núcleos do MRCC local, o que sugere uma relação bastante estreita com outras formas de associação, e de solidariedade mútua.

No aspecto estritamente financeiro, a sobrevivência da Comunidade ocorre, de acordo com os entrevistados, por meio de doações dos próprios membros, que trabalham fora da Comunidade, e mesmo doações de terceiros, que se interessariam pela causa, situando-se como “benfeitores”. A Comunidade também oferece por meio de um centro de espiritualidade, cursos e palestras, dos quais a renda se reverte para a manutenção das atividades internas. É interessante destacar também um tipo de ajuda mútua estabelecida entre os membros fundadores, que parecem compartilhar de uma “redistribuição da renda”, a qual denominam de “Economia Solidária”. Nesse sentido, torna-se possível salientar o caráter associativo presente na Fraternidade Pequena Via, que integra não somente os aspectos religiosos, mas a própria estruturação econômico-financeira da Comunidade. Tal caráter também é observável ao caracterizarmos os membros que em sua totalidade são

---

<sup>7</sup> De acordo com Mariz (2004), a crise econômica intensifica a dificuldade para a convivência na família de origem e por outro lado, pode restringir a possibilidade de emancipação dessa e a construção de uma nova família, o que se daria, entre outros exemplos, por meio do casamento.

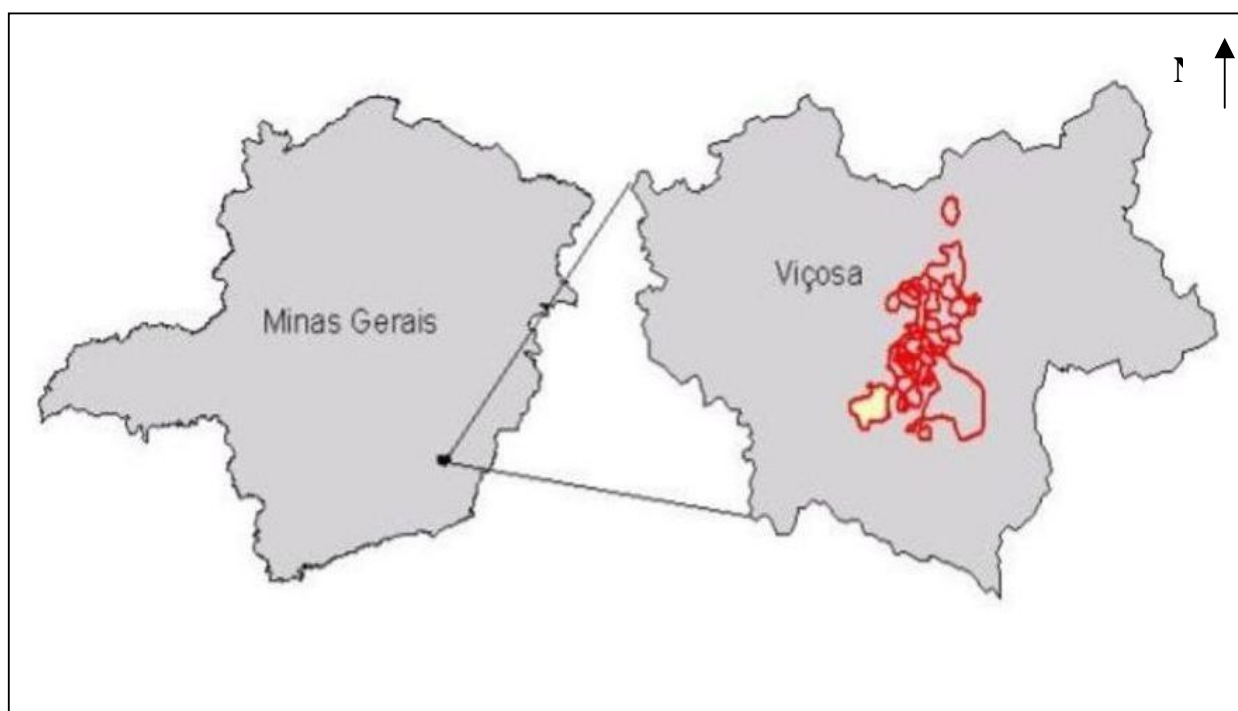
pessoas de uma classe média urbana. Assim, mesmo estando localizada em Nova Viçosa, não parece haver entre os membros, moradores da própria localidade.

De acordo com nossas observações, entremeio a um público geral, se estrutura uma espécie de seleção, mesmo que não declarada, daqueles que irão fazer parte do corpo da Comunidade, o que só se conclui com a afirmação dos valores e ideais comuns ao grupo, evitando-se, nesse sentido, a dispersão ou fragmentação interna. Nesse sentido, notamos que o crescimento da Comunidade se efetivou através de um círculo fechado de pessoas, que anteriormente já estavam ligadas à estrutura da Igreja Católica local, mas que tinham um interesse mais específico. Tal interesse os levou a “criar” este espaço que passou a ser um elemento comum de identificação do grupo.

Notamos que a Fraternidade Pequena Via, parece se assemelhar ao cotidiano das Comunidades Religiosas existentes no Brasil. No entanto, o que buscamos com este estudo é compreender como são as relações entre a identidade religiosa, construída a partir dos carismas desta Comunidade e a apropriação do seu espaço, sendo estes os constitutivos para a construção de uma identidade territorial em torno das idéias religiosas e da construção de território sagrado.

### 3. A Fraternidade Pequena Via: Da sacralidade do Espaço à Construção do Território

Conforme colocado nos capítulos 1 e 2, a Fraternidade Pequena Via foi fundada em meados da década de 1990 e está sediada em uma chácara na área de Nova Viçosa, situada na periferia urbana da cidade de Viçosa. Tal bairro, formado por famílias de baixa renda, está situado em uma área distante do centro urbano, e é historicamente estigmatizado pela cidade em função da violência e da pobreza. A Figura 1 mostra a localização da cidade Viçosa no Estado de Minas Gerais. As Figuras 2 e 3, destacam respectivamente a localização e acesso ao bairro de Nova Viçosa e a localização da Chácara Betânia, sede da Comunidade.

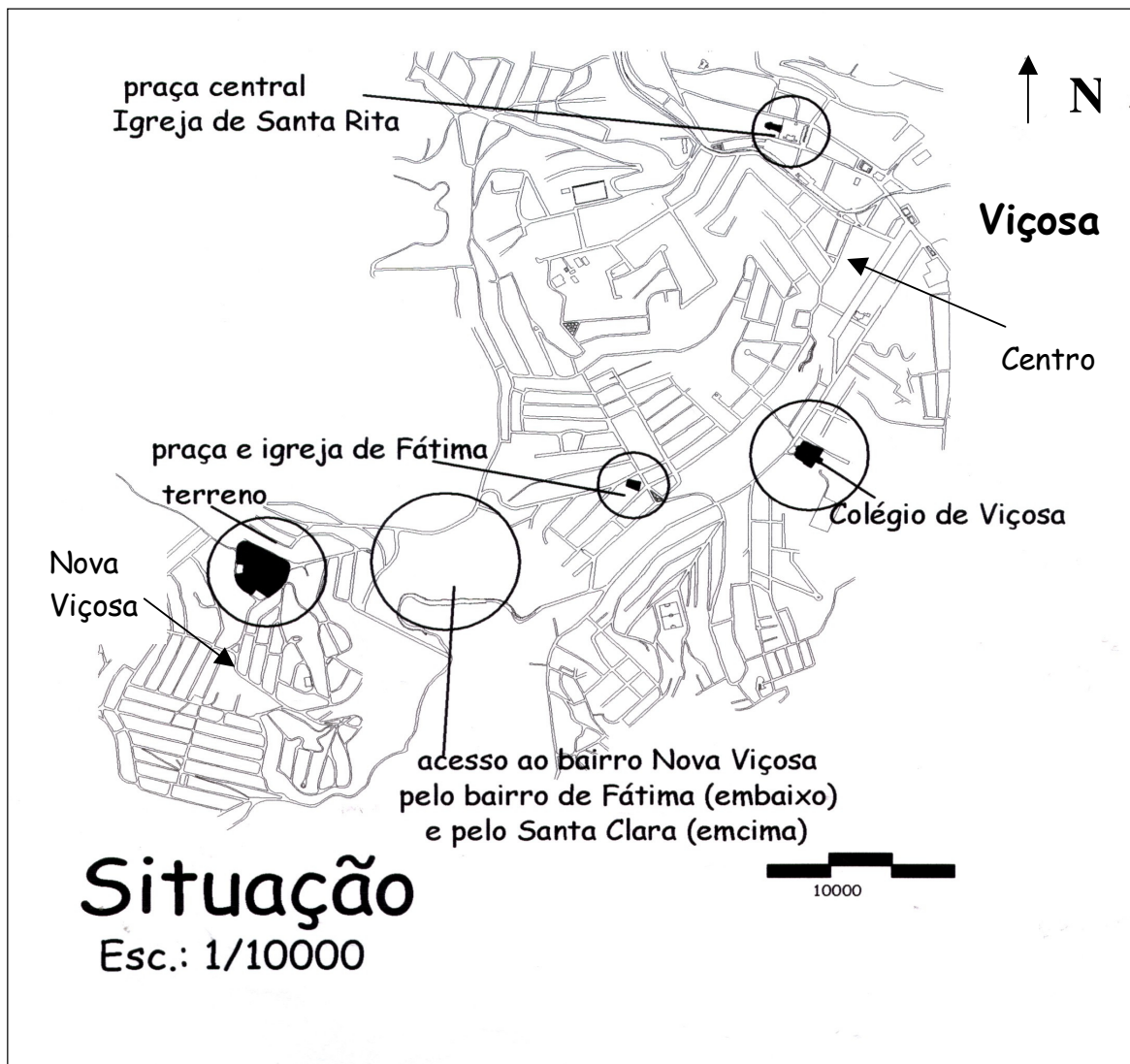


**Figura 1. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE VIÇOSA NO ESTADO DE MINAS GERAIS.**

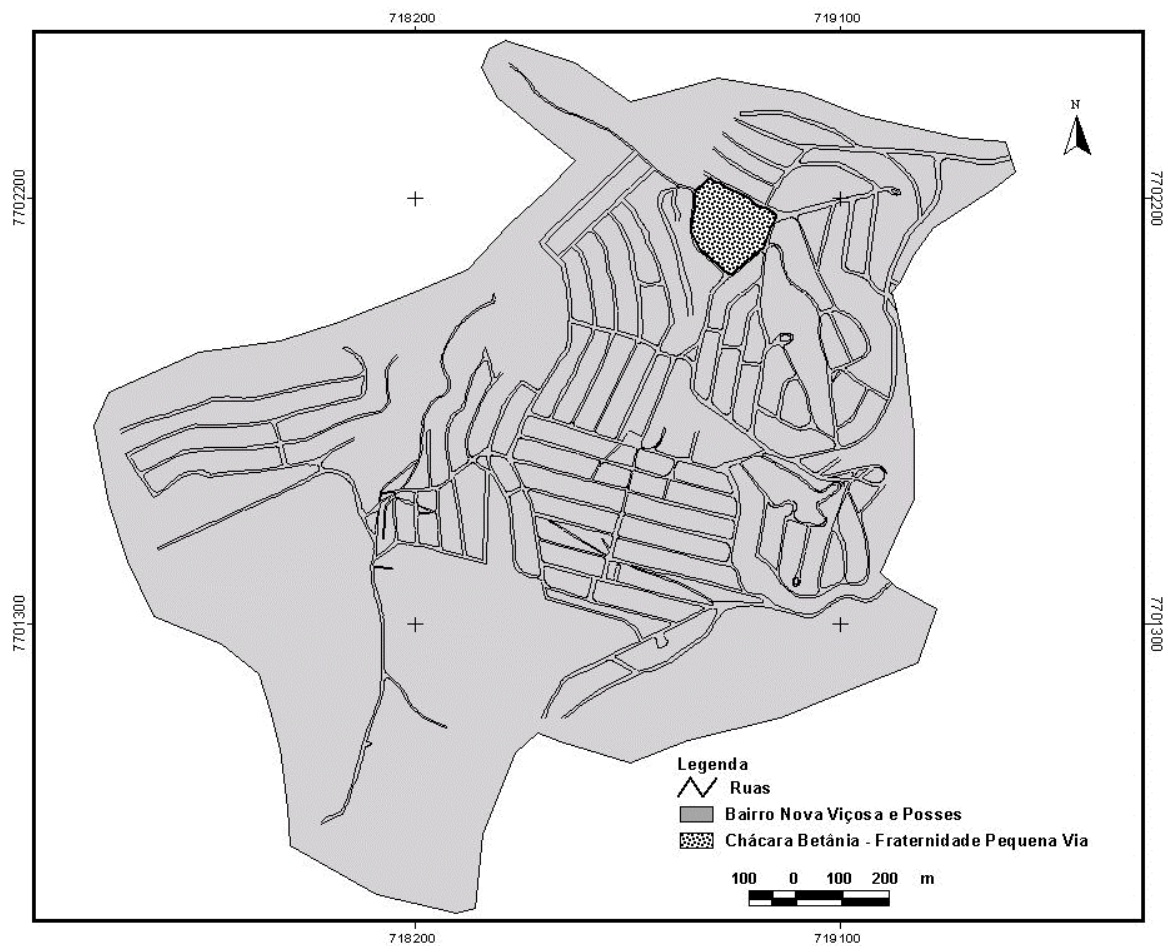
Base Cartográfica: Laboratório de Geoprocessamento DPS/UFV

Elaboração: Eliana Souza.

Adriano Almeida



**Figura 2. MAPA DE LOCALIZAÇÃO E ACESSO AO BAIRRO DE NOVA VIÇOSA.**  
Fonte: CEDOC- DAU/UFV.



**Figura 3. MAPA DO BAIRRO DE NOVA VIÇOSA, LOCALIZANDO A CHÁCARA BETÂNIA DA FRATERNIDADE PEQUENA VIA.**

Base Cartográfica: Laboratório de Geoprocessamento DPS/UFV

Elaboração: Eliana Souza / Adriano Almeida



A sede da Comunidade nem sempre foi Nova Viçosa. No início, em torno do ano de 1993, os seus membros fundadores, o casal Hilda Simone e Marcelo, vivia em São Mateus, no estado do Espírito Santo. Estes dirigiam, segundo seus relatos, uma escola de Línguas e do ponto de vista material, dispunham de uma vida confortável, trabalhando em parceria com a empresa *Aracruz Celulose*. No entanto, segundo o casal, os mesmos afirmaram que sua vida parecia carecer de algo que os ideais de mundo presentes não lhe ofereciam, parecendo haver um esvaziamento dos valores humanos de solidariedade e de fé. Foi a partir desse sentimento que o casal disse ter procurado um novo norte para as suas vidas, ou seja, a construção de uma nova experiência de vida. Assim, a partir de um Congresso de Casais promovido pela Arquidiocese de Mariana, no ano de 1994, estes tiveram o primeiro contato com um padre, pessoa com quem o casal vislumbrou a possibilidade de desenvolver um trabalho missionário em Viçosa. Contudo, naquela ocasião, colocaram que neste momento não tinham noção clara de como as coisas iriam se desenrolar.

Os entrevistados afirmaram que já existia em meados da década de 1980, o trabalho de uma Associação filantrópica na área de Nova Viçosa chamada Associação da Pastoral da Oração de Viçosa (APOV), desenvolvido por uma ex-freira da Ordem Carmelita, chamada Leda Bandeira. Esta realizava um trabalho que visava a promoção humana da Comunidade. Segundo seus relatos, o convite do padre ao casal foi no sentido de desenvolver um trabalho na área de Nova Viçosa, mas que não tinha qualquer vinculação com o trabalho da APOV.

Assim, inspirados e apoiados pelo padre, o casal deixou a vida em São Mateus e veio para Viçosa, dando início ao trabalho de constituição de uma Comunidade Religiosa. Inicialmente eles disseram que faltavam objetivos claros e lugar apropriado para executar sua proposta. Em função disso, o casal dedicou-se primeiramente a oração em grupo, buscando esclarecer o motivo para a construção da Comunidade, ao mesmo tempo em que a recente Fraternidade recebia mais membros.



**Figura 4.** Vista parcial da Chácara Betânia, sede da Fraternidade Pequena Via.  
Autor: Paulo Marciano. Data: 17/11/2006.

Com a morte da freira em 2001 surgiu o convite para o casal e os membros já então vinculados à Fraternidade, assumirem trabalhos de promoção humana em Nova Viçosa, e mais tarde a gestão da chácara, que até então era utilizada como local de Retiros Espirituais para os membros da APOV. Foi a partir de então que começou de fato a história da Fraternidade Pequena Via.

Chamamos a atenção para a construção da identidade, vinculada ao pensamento religioso que se constituiu a partir da fundação da Fraternidade Pequena Via, como Comunidade Religiosa. Alicerçados sobre a espiritualidade remanescente do Movimento Religioso da Renovação Carismática Católica, e em fusão com os elementos que provinham da experiência carmelita da freira, criou-se nesta comunidade uma identidade que impulsionou o seu crescimento e solidez. Assim, é no legado da santa carmelita *Terezinha do Menino Jesus* que os membros da Fraternidade Pequena Via foram buscar inspiração e sentido para os trabalhos que passaram a executar em Nova Viçosa. Conforme

podemos notar no regimento da Comunidade, as idéias religiosas permeiam fortemente seus postulados, criando uma identidade caracterizada por laços de confiança: Estes postulados sugerem uma integração dada pela busca de ideais comuns, e do estabelecimento de valores sobre os quais sustentar-se-ia a vivência em Comunidade. Entre estes, os membros da Fraternidade Pequena Via, destacam:

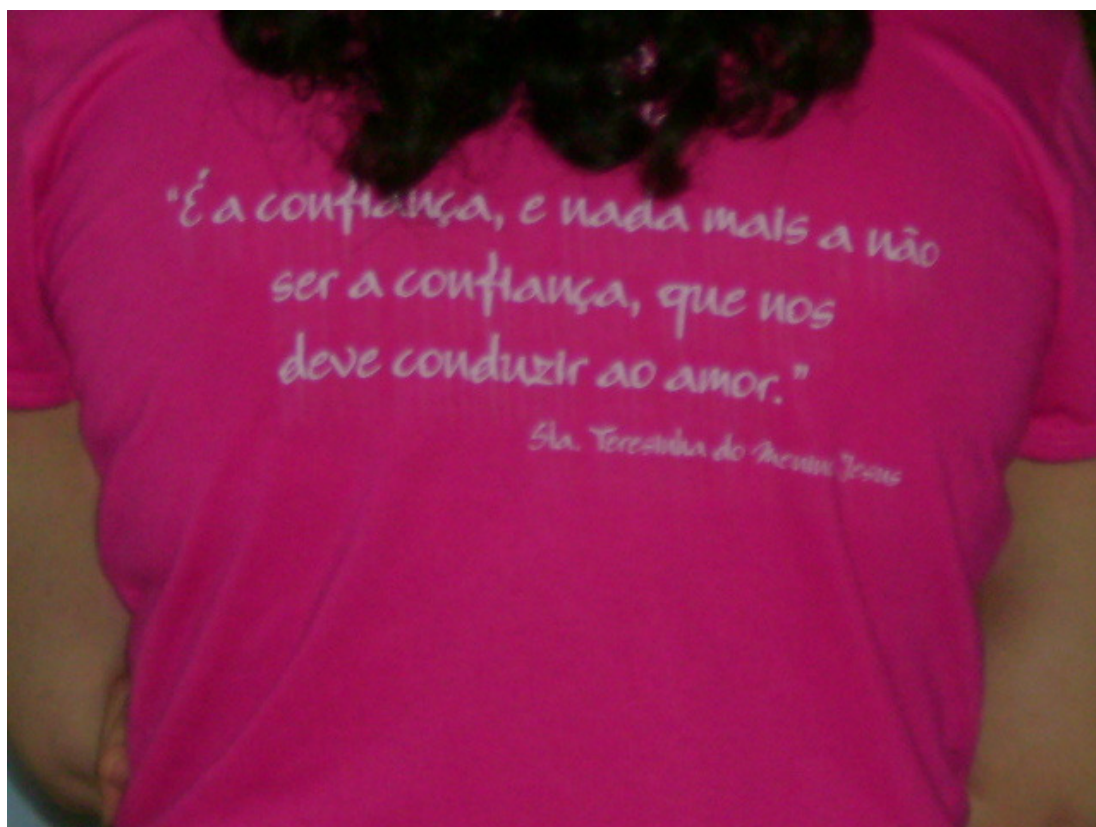
*A Humildade* - amar, com alegria a própria pequenez;

*O Abandono* - manter-se os braços de Jesus;

*A Confiança* - esperar tudo do coração misericordioso do Bom Deus; e

*O Amor* – desejar viver e morrer de amor.

A imagem na Figura 5, destaca a importância de tais *carismas* para os membros da Comunidade:



**Figura 5.** Os escritos destacam o carisma da *confiança*, influência da Ordem Carmelita. Autor: Adriano Almeida. Data: 17/11/2006.





**Figura 6.** Imagem de Santa Terezinha, influência da Ordem Carmelita na construção da Identidade da Fraternidade Pequena Via.

**Autor:** Paulo Marciano. **Data:** 17/11/2006.

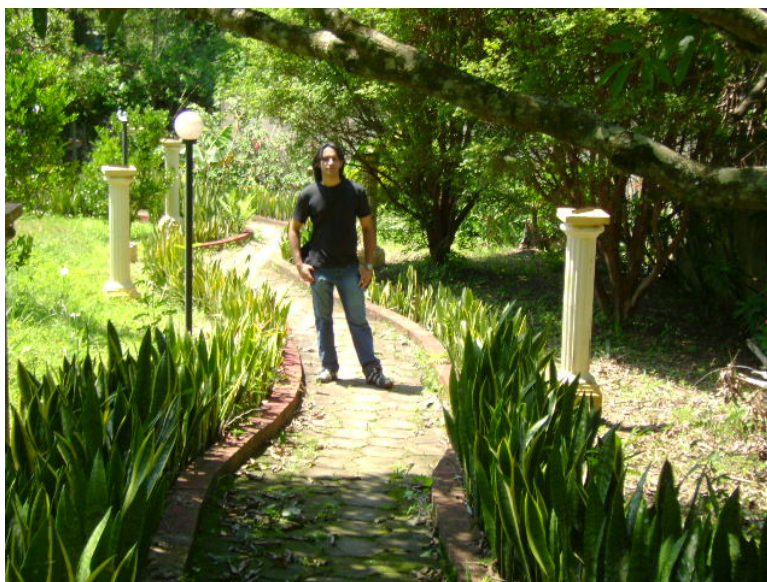
Esses ideais são concebidos dentro da Comunidade sob o nome de *Carismas*, e representam a própria identidade da Comunidade, uma vez que é como os membros a entendem e geralmente a definem. Este aspecto pode ser verificado a partir das entrevistas feitas com os membros, que quando perguntados sobre os objetivos da Comunidade, apresentavam uma resposta semelhante: “*A partir desta inspiração original, como Santa Terezinha, os irmãos da Fraternidade Pequena Via, pretendem encontrar um caminho novo, compatível com a própria pequenez, que coloque a santidade ao alcance de todos.*”.

Os membros da Fraternidade Pequena Via, dividem-se em cinco grupos. No primeiro grupo se encontram os Fundadores, que são os que fizeram inicialmente o compromisso de adesão a partir do ano de 2001. Em seguida estão os membros de Vida, que se propõem ao compromisso de comunhão espiritual, apostólico e de vida dentro da Comunidade; existem os membros de aliança, definidos como os que têm o compromisso

de comunhão espiritual e apostólico; e, por fim, os membros de afinidade espiritual, que se definem como aqueles que assumem um compromisso de comunhão espiritual específico. Cada tipo de vínculo exige um compromisso específico com a Comunidade, e estes são relatados dentro de um livro de Regimento Interno.

A Comunidade dispõe de três ambientes de vivência, sendo o primeiro a chácara Betânia, onde residem os membros chamados *fundadores* e os de *vida*. Além deste, estão vinculados à Comunidade o prédio da APOV, no centro do bairro de Nova Viçosa, e um centro de espiritualidade no bairro Clélia Bernardes. Todas as três localidades fazem parte da missão da Comunidade e são utilizadas para o trabalho de seus membros.

A chácara é um ambiente de amenidade, muito embora se localize nos arredores de Nova Viçosa, internamente em nada se assemelha à periferia com a qual divide seu espaço. Existem ali cerca de cinco casas, onde vivem membros da Fraternidade, cercadas de muito verde e uma paisagem, que segundo os seus membros propicia a oração e meditação. Encontra-se dentro da chácara, uma imponente Capela, reconhecida como um ambiente de convergência de todos os membros. Esta capela é formada por vitrais coloridos e jogos de luzes, que permitem recriar um cenário parecido com o das catedrais Católicas, ou seja, um ambiente emanado do sagrado.



**Figura 7.** Imagem interna do espaço da chácara. Ambiente considerado pelos membros, propício à reflexão e meditação. Autor: Adriano Almeida. Data: 17/11/2006.

Destaca-se neste local o que Rosendhal concebe como uma manifestação do sagrado, ou uma *hierofania*, ou seja, experimentação de um sentimento religioso em relação a um objeto sagrado. Mas não apenas a Capela parece traduzir tal realidade, a trilha construída parece sugerir uma peregrinação pela *Via Sacra* de Cristo rumo ao Monte Calvário, tal como relata o texto bíblico. Esta trilha sai do centro da Chácara e contorna todos os arredores, levando à Capela.



**Figura 8.** Imagem da “*Alameda do Carmelo*”, trilha que tenta refazer conforme o texto bíblico, a trajetória de Cristo rumo ao Calvário.  
Autor: Adriano Almeida. Data: 17/11/2006.

Existem espalhados por toda a chácara ambientes de meditação, sempre com materiais rústicos, como troncos de árvores e pinturas em madeira, assim como esculturas e ícones de orientação ortodoxo-bizantina. Todos esses ambientes e paisagens presentes corroboram para formar uma atmosfera imbuída do elemento transcendente, tendendo a elevar o ser humano para acima de si mesmo. Nesse sentido, o espaço construído da chácara remete à argumentação de Rosendhal(1996), quando discute a idéia de que o



sagrado se manifesta sob a forma de hierofanias no espaço, o que acaba por qualificá-lo como espaço sagrado.



**Figura 9. Pantocraton.** Pintura de orientação ortodoxo-bizantina, um dos ícones encontrados nos locais de contemplação da chácara da Comunidade.  
Autor: Adriano Almeida. Data: 17/11/2006.

Alguns dos membros consideram a chácara um lugar comum, de encontro, não parecendo compreendê-la como um ambiente sagrado de forma geral. Para estes, a atribuição de espaço sagrado se direciona especificamente para a Capela, que seria o ambiente territorializado da sua fé. Contudo, grande parte dos membros entrevistados e, também, para um expectador que vê de fora, todo o espaço da Chácara parece se traduzir em um lugar territorializado para sacralidade da fé. Cada pequeno detalhe tende a incorporar esta experiência do sagrado. Assim: os quadros, as imagens e as frases colocados em toda a parte dentro da chácara sugerem essa atmosfera sacralizada, onde se deve pensar para além dos limites da vida profana.

Dessa forma, a chácara parece representar uma extensão da casa dos membros que ali permanecem em constante estado de reflexão e amadurecimento. Com isso, consideramos que este espaço ainda que de forma imperceptível para os membros, parece ser fundamental para o encontro com sua experiência religiosa.

A presença emanada do sagrado no espaço da Chácara, não apenas o qualifica como Espaço Sagrado, mas antes sugere uma distinção de espaços, uma vez que tal atmosfera sacra se diferencia dos espaços fora da chácara. Constitui-se, nesse sentido, uma distinção entre o espaço sagrado da chácara e o espaço não-sagrado, o espaço profano de fora. Mas não apenas isso se torna passível de análise. Na distinção entre aquilo que parece se destacar como sagrado e aquilo que não se percebe no mesmo campo de valores, vê-se uma identidade criada entre o homem e o espaço, o que forma um espaço próprio dotado de subjetividade, que integra a paisagem da chácara ao imaginário dos membros da Comunidade com um ambiente “seu”, num sentido de casa, de segurança, estabilidade, paz e fé.

Assim, a identidade criada no ambiente da chácara remete à discussão feita por Haesbaert (1999) sobre o caráter subjetivo e objetivo que dá identidade a um espaço. Ou seja, a sacralidade do espaço, para além de demonstrar-nos uma experiência do homem com a realidade transcendente, permiti-nos verificar a criação de uma identidade territorial sobre o espaço, que passa a ganhar um sentido único, manifesto a partir da sua relação com os valores sagrados.

Dessa forma, o espaço da Chácara não apresenta apenas uma dimensão física, mas dimensão simbólica que lhe é atribuída quando é apropriado por valores religiosos, isto é, quando parte dos dogmas católicos, elementos da espiritualidade do Movimento Renovação Carismática Católica e da Ordem do Carmelo Descalço, levam seus membros a identificarem este espaço com o conjunto de valores construídos pela Comunidade. Nesse sentido, estamos falando de uma apropriação simbólica do espaço, capaz de criar uma identidade própria em torno dele, dando-lhe uma feição própria primeiro como *lugar*, depois como *território*.



#### 4. A construção do espaço sagrado na visão dos atores

A construção de uma identidade territorial nas Comunidades Religiosas pressupõe a consideração do próprio elemento sagrado. É a partir do sagrado que se estabelece a construção da identidade, a qual se percebe atrelada às formas de pertencimento entre os membros de um grupo religioso, e da relação de influência mútua entre estes e o espaço que os envolve. Nesse sentido, dá-se o direcionamento para a apropriação e transformação do espaço a partir das idéias religiosas, apontando para a construção efetiva de um território sagrado. Tal processo é o que percebemos na Fraternidade Pequena Via.

A apropriação do espaço orientada a partir das concepções religiosas, ou seja, de uma visão de mundo específica, é notável no processo de construção da Chácara da Comunidade. A disposição dos elementos sagrados no espaço parece sugerir uma “atmosfera” sagrada, que distingue o interior da Chácara de outros lugares.

A compreensão de que o espaço interno é dotado de significação, a qual está relacionada à transcendentalidade, é clara na fala de alguns membros. Assim, quando perguntados sobre a percepção de uma dada sacralidade relativa ao espaço, as respostas apontam sempre no sentido de uma presença emanada do sagrado naquele lugar. Desta forma na compreensão de um dos membros da Comunidade:

*“Em qualquer lugar da Chácara percebo uma calma, uma tranquilidade, muita paz (...). Aqui eu vejo que encontro Deus (...).”*

A chácara parece ser percebida pelos membros como um lugar de oração, de encontro com Deus, de onde seus membros podem por pelo menos alguns instantes se afastarem da vida cotidiana e entrarem em reflexão sobre si mesmos, estabelecendo relação com o transcendente.

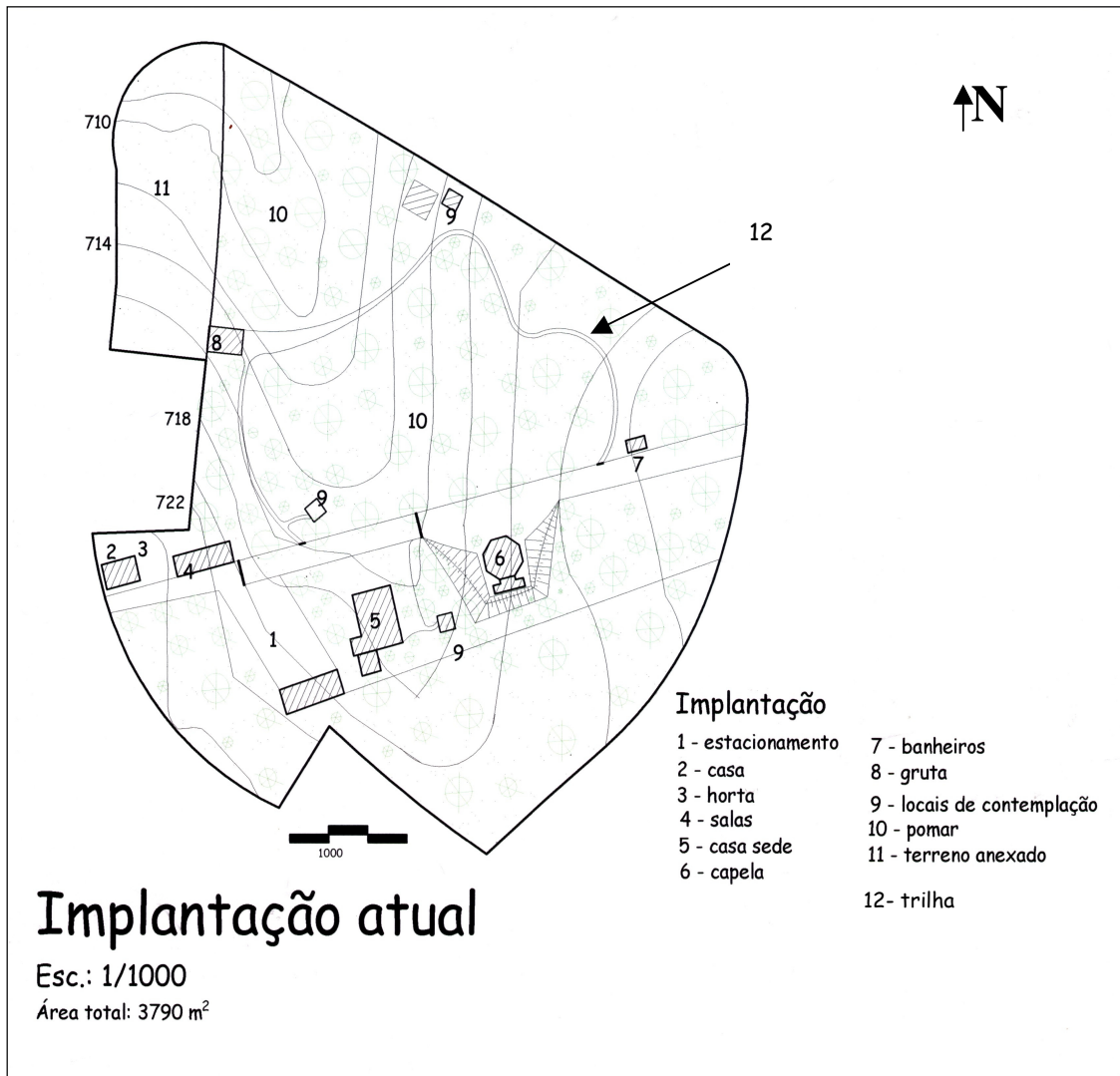


**Figura 10.** Visão interna de um dos recantos de Oração freqüentados pelos membros na Chácara da Comunidade. Autor: Adriano Almeida. Data: 17/11/2006.

Um dos coordenadores da Comunidade afirma que a construção do espaço não ocorreu de forma aleatória, mas sim a partir da necessidade de que este revelasse essa manifestação do sagrado, podendo elevar os pensamentos humanos acima das condições materiais em que transcorre a sua existência. Em suas palavras:

*“Toda a chácara. Todos os lugares da chácara, pra mim (...) A chácara foi construída com essa finalidade, de trazer essa espiritualidade, uma vida de oração (...) Então em cada cantinho tem uma plaquinha, uma cruz, um cantinho, uma capelinha, uma imagem que faz a gente tá sempre refletindo (...) Então pra mim a chácara toda, até a cozinha, que tem essa dimensão mais comunitária, traz também essa presença do amor de Deus. Há sempre um elemento que nos leva à meditação, à reflexão, e à oração (...).”*

O mapa na Figura 11 revela a estruturação do espaço da chácara, onde as idéias religiosas criam uma significação eminentemente sagrada.



**Figura 11. Esboço da planta fundamental da Chácara da Fraternidade Pequena Via.  
Fonte: CEDOC / DAU - UFV.**

Quando compreendemos a partir da abordagem de Haesbaert (1999), que a territorialidade humana pode ser concebida como um conjunto de inter-relações estabelecidas por uma dada coletividade, podemos chamar atenção para o fato de uma territorialidade que ocupa o sagrado na Fraternidade Pequena Via. Nesse sentido, um dos nossos entrevistados ressalta:

*“As imagens, toda a ornamentação, na capela os vidros, os vitrais, acho que só isso já chama a atenção (...) Tudo dá uma dimensão de oração, espiritual (...) A Capela também é importante porque a gente acredita no sacrário, que Jesus tá ali de verdade (...) E eu gosto muito da presença de Maria, tenho uma devoção muito grande também, me sinto bem lá. Sinto uma grande presença de Deus. A estrutura (da chácara) permite pensar, a refletir e me dá uma dimensão de oração e recolhimento.”.*

Conforme já discutimos, a capela parece ser o ponto fundamental da manifestação dessa sacralidade atribuída ao espaço. De forma geral, os membros da Fraternidade Pequena Via, parecem perceber em toda a extensão da chácara uma simbologia do espaço, que é sempre compreendida a partir de uma relação extra-mundana. Tal interpretação aparece na fala de um dos membros:

*“A capela é importante por a gente acreditar na presença do Sacrário, do Santíssimo(...) É claro que a gente sente Deus aqui em toda parte, mas ali a gente tem a presença física, a óstia consagrada. Então é isso que faz a gente sempre pensar na capela. Quando a gente precisa ficar mais quieto, precisa rezar, a gente prefere ir lá, só por saber disso(...). Os outros lugares, com certeza isso aqui tudo pra gente é fundamental, os outros lugares da chácara são também importantes pela meditação, pela convivência (...). A capela torna importante ainda mais dada a espiritualidade. Quando a capela recebe o Santíssimo ela tem uma importância que antes não tinha, tem algo a mais, o santíssimo.”.*





**Figura 12. Capela da Chácara da Fraternidade Pequena Via. Vista Externa.**



**Figura 13. Capela. Vista Interna. Autor: Paulo Marciano. Data: 17/11/2006.**

Esta consideração que compreende a capela como centro da sacralidade atribuída a Chácara como um todo, aparece também na fala de outro membro da Comunidade:

*“Gosto muito de todos os lugares, mas é lá (apontando para a capela), que eu vejo o centro, o coração da Chácara. Os outros lugares estão ligados a ela, fazem parte do mesmo corpo.”*

A importância do espaço para a construção da identidade de grupo está sempre relacionada a uma apropriação simbólica. Assim aponta-se para uma apropriação simbólica e material do espaço, quando este é dotado de sacralidade. Na perspectiva de um dos entrevistados:

*“Os lugares mais importantes da chácara pra mim são a Capela e os recantos de oração. Acho que tudo propicia um ambiente de oração aqui. A ornamentação dos lugares, a organização do espaço, e da beleza, tudo nos leva a refletir, a buscar por Deus, podemos sentir um carinho de Deus com a gente aqui, através da oração, e esses lugares cumprem esse papel, de nos aproximar de Deus, Maria também (...).”*

Um dos membros entrevistados coloca a importância de Chácara, em torno da sua dimensão não apenas espiritual e simbólica, mas como um espaço de convivência, e confluência dos membros da Comunidade. Tal consideração permite entender a forma como os elos constituídos entre os membros parecem se tornar cada vez mais sólidos e reforçam, nesse sentido a própria identidade da Fraternidade Pequena Via.

*“A chácara foi um presente. Então pra mim a chácara tem uma importância fundamental na Comunidade, como um local de reunião, né (...) de reunir as pessoas da Comunidade num lugar que leva a gente à oração (...) E a oração é como se fosse esse cimento que modela e uni né, os tijolos (...) E como a Chácara, a chácara tem esse finalidade né, de dar uma junção dos membros”.*



**Figura 14.** A chácara parece se traduzir também num local de convivência social, possibilitando a solidificação dos laços de identidade entre os membros.  
Autor: Adriano Almeida. Data: 17/11/2006.

Por outro lado, a construção da chácara como um espaço sagrado, reforça a identidade de grupo em torno do sagrado, e com isso a apropriação do espaço a partir de uma identidade territorial em torno da idéias religiosas.

Apesar dessa convivência intensa em torno da Comunidade, os membros parecem não se fechar para o mundo exterior, mantendo suas vidas atreladas à realidade concreta da cidade, com suas contradições e problemas. Alguns destes quando perguntados sobre os lugares importantes depois do espaço da chácara, referiam-se em primeiro lugar à própria casa e ao local de trabalho ou estudo, sendo estes pontos considerados relevantes, dado à troca de experiências, aos laços amizade e a própria carreira. É o que sugere a fala de um dos entrevistados:

*“Acima do espaço da chácara está a própria espiritualidade, que pode extrapolá-lo (...). Considero muito importante a minha casa, o*

*meu quarto, onde também posso ler, rezar, manter minha intimidade com Deus. Além disso a Universidade também é muito importante pra mim. Apesar de ser um lugar que vou pra lá pra estudar mesmo e tal (...) É um lugar que eu gosto, me sinto bem, é bonito, é tranquilo, e a minha casa mesmo, onde eu posso pensar, descansar (...)*”

Outra fala confirma esta consideração, ressaltando o local trabalho e o lazer, como importantes para a experiência de vida:

*“O meu trabalho, o dia-a-dia no meu trabalho na universidade é extremamente importante pra mim, principalmente no crescimento humano, por poder me relacionar com outras pessoas, de outras formas, algumas de outras religiões, outras que não têm religião, acaba que a gente cresce muito com isso (...). E eu gosto muito também de sair, acaba que a gente encontra muito com os jovens, e isso é importante, porque a gente conhece a realidade, conversa com muitas pessoas, que não fazem parte do mesmo grupo nosso, mas que faz a gente crescer também (...). Então eu vou a barzinhos, aqui em Viçosa eu vou também ao Shopping, restaurantes, pizzarias, lugares onde a gente pode sentar conversar, viver a experiência do outro.”*

Estas considerações sugerem que os membros da Comunidade não vivem alienados à realidade exterior. Tal ponto de vista parece ficar mais evidenciado quando nas falas, estes consideram o trabalho da Comunidade, entre eles o realizado pela APOV, como uma “missão”, ou seja, um desafio que lhes é colocado para atuarem no mundo fora dos muros da chácara. Assim:

*“O carisma é a essência da Comunidade, é o que faz ela existir. Eles nos dão a nossa missão, que vai além dos muros da chácara. Ela entra em outros lugares, como por exemplo, a Universidade. Existe um papel missionário da Comunidade que nos leva para o mundo.”*





**Figura 15.** APOV Associação da Pastoral da Oração de Viçosa. Encarada pelos membros da Fraternidade Pequena Via, como parte do seu trabalho missionário.  
Autor: Paulo Marciano. Data: 17/11/2006.

A questão do não-isolamento dos membros em relação ao mundo exterior também fica claro quando observamos que a maioria dos membros é estudante e professor da Universidade Federal de Viçosa, e que, por conseguinte parecem viver, como eles próprios destacam, em uma tentativa de coexistência e conciliação, entre o universo religioso e o científico-acadêmico. De acordo, com um dos relatos:

*“Os lugares que me sinto mais a vontade, são a minha casa, quando tô com a minha família, a minha república, e é claro não poderia deixar de falar, o meu laboratório, na Universidade (...) Um lugar onde posso relacionar fé e razão, que é pra mim uma missão.”.*

Tais depoimentos nos permitem perceber que na Fraternidade Pequena Via está se consolidando uma *identidade de projeto*, ou seja, seus membros parecem buscar uma redefinição dentro da sociedade em relação aos valores morais e religiosos. Em sentido mais amplo, almejam expandir as suas idéias e concepções de mundo, na tentativa de mudar uma postura geral em relação a uma determinada realidade<sup>8</sup>.

Nessa medida, se de um lado é importante destacar que a construção da Fraternidade Pequena Via não aponta para um isolamento dos seus membros face à realidade do mundo exterior, por outro, faz-se mister ressaltar que a chácara e a sacralidade impressa em seu espaço, torna-se um elemento fundamental para a consolidação da identidade de grupo e, por conseguinte, da formação da própria identidade territorial.

Portanto, considerar o sagrado como cerne para a construção do território no caso da Fraternidade Pequena Via, longe de parecer um equívoco, parece antes confirmar a hipótese de que a identidade territorial se materializa ancorada nas idéias religiosas, dando forma à territorialidade construída com base na sacralidade adquirida pelo espaço.

---

<sup>8</sup> Essa linha de análise assemelha-se as discussões realizadas por Castells (1999).

## 5. Considerações Finais

A discussão sobre a identidade territorial está presente em várias vertentes do pensamento geográfico, variando desde a concepção do território como instrumento do domínio político, até a manifestação das realidades simbólicas e culturais. Esta última destaca a importância das experiências humanas, por vezes ligadas a sua subjetividade e introspecção, tal como foi adotado na orientação teórico-epistemológica deste trabalho.

Considerar a constituição do território, a partir de uma abordagem cultural, traz a necessidade de analisar e interpretar as relações estabelecidas pelo ser humano, como um ser de grupo, em outras palavras como um ser social. É com base em tal consideração que é possível compreender como as visões de mundo e a conduta de um determinado conjunto de pessoas, apontam para um objetivo em comum, e podem constituir-se como *identidade*.

A relação de afinidade entre um grupo e o espaço que este se apropria corrobora no sentido da estruturação de uma *identidade territorial*, a qual herdará as idéias e visões de mundo que lhe deram origem e foram adquiridas ao longo do tempo.

Na Fraternidade Pequena Via, a confluência entre o ideário religioso do MRCC e da Ordem Carmelita, parecem ter sido os elementos simbólicos que permitiram a estruturação de uma identidade religiosa, que teve como seu diferencial, a disposição de um espaço específico e exclusivo para se manifestar.

A Chácara da Comunidade localizada no Bairro de Nova Viçosa, se constituiu no elemento chave para a estruturação dos laços de identidade, levando ao seu crescimento e permanência. Neste sentido tal espaço é dotado de sacralidade, não se resumindo apenas a um local de encontros, mas como um lugar de meditação, oração e paz. Assim, a apropriação do seu espaço sinaliza a experiência religiosa vivida pelos seus membros, que se concretiza na chácara como um ideal de mundo.

A disposição dos elementos simbólicos e religiosos em todo o seu espaço sugere uma funcionalidade, que faz com que os membros distingam a chácara de um espaço profano, ou mesmo secularizado. Nesse sentido, trilhas, capela, oratórios e recantos de oração,

carregam uma dimensão simbólica capaz de conferir ao espaço uma nova concepção de mundo e de vida, diferente daquela que era atribuída ao mesmo lugar em tempos anteriores.

Com isso, consideramos que a territorialidade que se forma em torno do sagrado, é tão forte que possui o poder de manter o grupo coeso a partir da concepção unívoca que este tem acerca da vida e da existência humana.

No caso da Fraternidade Pequena Via, esta visão de mundo a partir das lentes da religiosidade parecem ganhar ainda mais importância pela relevância que seus membros atribuem ao espaço, sendo este uma tradução viva da concretização das idéias religiosas. Tais idéias se tornam importantes do ponto de vista geográfico quando extrapolam o plano psíquico-imaginário e se tornam dotadas de potencialidade para modificar o espaço. Nesse sentido, tornam-se também capazes de imprimir neste espaço, a realidade simbólica que se territorializa sustentada na visão de mundo deste grupo. Este processo aponta para a edificação de um território específico, o qual é possível compreender como *território sagrado*.

## Bibliografia

ALVARENGA, Elizabeth G. *A religiosidade de universitários católicos carismáticos em Viçosa*. 2002, 168p. Tese (Mestrado em Extensão rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2002.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000. 230p.

BARBOSA NETO, Edgar Rodrigues. *O conceito de Renovação no Catolicismo Carismático*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ed. Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (org.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Manifestações da Cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, 190p.

ELÍADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo. Martins Fontes, 1995.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes. 1997.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, 177p.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e Identidade. A rede "gaúcha" no nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. Território, Cultura e Des-territorialização. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALL, Stuart. *Da diáspora - Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LENOBLE, Robert. *História da Idéia de Natureza*. Tradução: Teresa Louro Péres. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969, 368p.

MACEDO, Carmen Cinira. *Imagem do eterno*. São Paulo: Moderna, 1989, 78p.

MARIZ, Cecília L. “Comunidades de Vida no Espírito Santo”: Um novo modelo de família? In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. *Anais...* Coimbra, Portugal: CES, 2004.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: *História da vida privada no Brasil 4: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. Fernando A. Novais; Lília Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp.63-172. Vol. 4.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia e a Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: BIB, 1989. N.27, pp.74-88.

PEREIRA, Maíra Teixeira. *Arquitetura como um microcosmo: Religiosidade e representação do espaço na comunidade do Matutu - MG*. 2003, 142 f. Tese (Mestrado em Extensão Rural). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 320p.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Os Universitários e a Transcendência - Visão geral, visão local*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever/univesitários.html>>. Acesso em: 10 ago. 2006.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, NEPEC, 1996. 90p.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução: M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 11 ed. São Paulo: Pioneira, 2002, 230p.

# **Anexos**

## Questionário de Entrevistas

1. Há quanto tempo você faz parte da Fraternidade Pequena Via?
2. Por que você decidiu entrar para a Comunidade?
3. Porque você continua freqüentando as reuniões da Comunidade?
4. Quais são os espaços em que você mais se identifica na chácara? Por quê?
5. Você percebe na chácara da Comunidade lugares que podem ser compreendidos como *lugares sagrados*? Quais?
6. Que importância você percebe ter a Chácara para a existência da Comunidade?
7. Considerando a importância dos lugares. Você percebe diferenças entre os vários espaços da Chácara, como a capela, as trilhas, gruta, cantina?Quais?
8. Que outros espaços além da chácara você considera importantes para a sua experiência de vida?